

O encontro

Sławomir Mrożek

Tradução e apresentação de Matheus Moreira Pena¹

Apresentação

Nascido em 1930, natural da cidade de Borzęcin, não muito distante de Cracóvia, Sławomir Mrożek² iniciou sua carreira como jornalista e desenhista em 1950 no jornal *Dziennik Polski*. No ano de 1963 emigrou para a Itália e posteriormente morou ainda em diversos outros países como França, Estados Unidos, Alemanha e México. Mrożek retornou à Polônia somente no ano de 1996. Sete anos depois sofreu um derrame cerebral e ficou afásico. Em 2008 retornou à França, onde faleceu cinco anos depois.

Sławomir Mrożek é um dos escritores poloneses do século XX amplamente conhecidos além das fronteiras de seu país natal, cuja obra conta com traduções para diversos idiomas. Sua versatilidade e capacidade criativa se refletem na diversidade dos estilos e formas que sua produção artística toma. Mrożek foi autor de desenhos satíricos, contos, roteiros cinematográficos e peças teatrais que lhe trouxeram grande renome.

Suas obras são famosas pela abordagem e apresentação da realidade do regime socialista, bem como outras questões políticas e filosóficas relevantes do século XX, tudo isto através da criação de cenários e diálogos surreais, satíricos e humorísticos.

¹ Licenciando em Letras- Polônês na UFPR. E-mail: moreira88@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-1646-1672>

² Para conhecer mais a respeito do autor e sua obra indica-se a tese de doutorado de Aleksandra Pluta (PLUTA, Aleksandra Ewa. *A recepção das obras dramáticas de Sławomir Mrożek no Brasil*. 2020. 226 p. Tese (Doutorado em Literatura) – Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literatura, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39072>. Acesso em 08 jul. 2021.) e o artigo de Milena Woitowicz Cardoso (WOITOWICZ CARDOSO, Milena. Análise comparativa entre o texto dramático *Emigranci* de Sławomir Mrożek e o poema *Pan Cogito – Powrót* de Zbigniew Herbert: a questão da emigração. *Revista X*, [S.l.], v. 15, n. 6, p. 568-582, dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/76744>. Acesso em 08 jul. 2021.)

O encontro

A rua estava vazia. Ao defini-la desta maneira quero dizer, que não havia pessoa, animal, ou objeto algum nela. Eu caminhava por ela. Eu sou uma pessoa. Mas olhando ao meu redor não avistei ninguém. Foi assim somente por um tempo. Em um certo momento surgiu alguém, que vinha em minha direção. Um pouco mais alto do que eu, com ombros muito mais largos e de chapéu, ao passo que eu, nunca ando de chapéu. Tomei a expressão facial adequada para parecer-lhe cheio de energia e belo.

Pensei que tudo transcorreria como de costume. Prendi a respiração por um instante, para que o ar deslocado pelo estranho não adentrasse meus pulmões e então cada um seguiria seu rumo.

Mas ele bloqueou meu caminho e disse:

— Pare, por favor. Amanhã, às sete horas em ponto o senhor virá até minha casa fazer faxina.

Eu fiquei tão surpreso que perguntei apenas:

— Eu?

— Óbvio que o senhor.

— Mas como assim? O que é isso? – encontrei, por fim, a maneira adequada de responder a essa provocação – O que é que o senhor está pensando?! Deixe-me passar!

— Não se exalte. Preste atenção: Lá tem água corrente assim como panos.

— Mas o senhor realmente está achando que eu...

— O serviço inicialmente parece duro, não nego, mas pelo menos temos um aspirador de pó.

— Que aspirador!?

— Um aspirador esplêndido, manejá-lo é um verdadeiro deleite. Além do mais, dá para bater a poeira lá embaixo, no pátio.

— Qual andar? Aposto que o sexto.

— De modo algum! O quarto. E como se isso não bastasse tem elevador. O senhor mesmo há de convir que são boas condições de trabalho.

— Mas e por que motivo que eu haveria de limpar o apartamento do senhor?

— Porque ele já está sujo e precisa urgentemente de uma retocada. O senhor receberá um avental. Ah, e sem comentários desnecessários, por favor.

— Mas como assim? O que isso quer dizer?

— Porque o senhor, é claro, não vai fazer faxina sem avental, vai? Ou melhor, faça como bem entender.

— Não, não, o avental é imprescindível. Mas... como o senhor ousa!

— Na despensa ao lado do banheiro o senhor encontrará esfregões. O senhor precisa acender a luz no corredor, porque a lâmpada da despensa queimou.

— Não, mas isso é realmente um absurdo!... Seria bom ter umas flanelas... Mas quem é que o senhor está pensando que eu sou?

— Não tem. Temos apenas pantufas de feltro grosso. Também ficam na despensa. Só não gaste muita cera para piso. Temos apenas o suficiente, não dá para desperdiçar nada.

— E o senhor está achando que dá para limpar com qualquer coisa? Se é para fazer o serviço direito, usa-se tanto quanto for preciso, não dá para ficar de sovinice. O senhor pensa que é...

— Não discuta comigo. Encerar suavemente e esperar até a cera secar. O senhor pegará a enceradeira emprestada dos vizinhos.

— Como assim? O senhor não tem uma enceradeira própria? Não dava para ter arrumado?

— Isso não é da conta do senhor. Tem que bater na porta dos vizinhos, mas antes das oito, porque depois já não tem mais ninguém em casa. Diga que veio em meu nome. Dentro do armário da cozinha tem um queijo suíço. Pegue um pedaço para si, mas só um pedaço, não tudo! Desentupa a pia, regue os gerânios, enrole o piso de linóleo e não deixe estranhos entrarem.

— E a água quente? Não vou lavar nada com água fria. Tenho reumatismo.

— Não me venha com bobagens. A água aquecemos no forno a gás. Basta girar as torneiras devidas. O senhor já é adulto.

— Então tem gás também?

— Não faça perguntas idiotas. Claro que sim.

— Eu tenho medo. Vai que me enveneno.

— Bobagem. Junte os panos de mesa em um lugar só. Afaste os armários, bata bem os colchões, tire as cortinas, não se esqueça de polir as maçanetas e tome cuidado para não respingar nas paredes. Limpe as janelas a seco por um bom tempo porque eu vou checar e nada de ficar escutando rádio porque ele distrai. Pois bem, é mais ou menos isso aí. Até mais.

Foi embora, sem olhar para trás, com o passo de um atleta. Mantive meu olhar sobre ele até sumir no horizonte. Meu orgulho ofendido fervia dentro de mim e minha dignidade pessoal gritava ferida. Até que de repente me senti constrangido, me senti de mãos atadas e indefeso... afinal de contas ele não me deixou o endereço...

Spotkanie

Droga była pusta. Określając ją w ten sposób, chcę powiedzieć, że nie było na niej człowieka ani zwierzęcia, ani też przedmiotu. Szedłem tą drogą. Ja jestem człowiekiem. Ale rozglądając się – nie zauważyłem nikogo.

Tak było tylko do pewnego czasu. W jakiejś chwili ukazał się ktoś, kto szedł mi naprzeciw. Trochę wyższy ode mnie, o wiele szerszy w ramionach, miał również kapelusz, podczas kiedy ja kapelusza ja nigdy nie noszę.

Przybrałem odpowiedni wyraz twarzy, aby wydać się energicznym i pięknym.

Myślałem, że wszystko odbędzie się jak zwykle. Ja wstrzymałem na chwilę oddech, żeby powietrze roztrącone nieznajomym i otaczające go nie przeniknęło mi do płuc – i miniemy się.

Ale on zagroził mi drogę i powiedział:

— Proszę się zatrzymać. Jutro, dokładnie o siódmej, przyjdzie pan do mnie posprzątać mieszkanie.

Byłem tak zdziwiony, że zapytałem tylko:

— Ja?

— Oczywiście, że pan.

— Ale co to ma znaczyć?! – Odnalazłem wreszcie właściwy sposób odpowiadania na zaczepki. – Co pan sobie wyobraża?! Proszę mnie przepuścić!

— Niech się pan nie unosi. Proszę posłuchać: woda bieżąca jest na miejscu, również i ściereczki.

— Czy pan naprawdę sądzi, że ja...

— Praca z początku wydaje się ciężka, nie przeczę, ale jest przecież odkurzacz.

— Jaki odkurzacz?!

— Doskonały odkurzacz, operowanie nim to prawdziwa przyjemność. Zresztą można trzepać na dole, na podwórku.

— Które piętro? Pewnie szóste.

— Ależ nie! Czwarte. W dodatku jest winda. Sam pan widzi, jakie warunki.

— Ale z jakiej racji ja mam panu sprzątać mieszkanie?!

— Bo już jest brudne i trzeba koniecznie trochę odświeżyć. Dostanie pan fartuch. Zresztą proszę nie robić uwag.

— Ale co to ma znaczyć właściwie?!

— No bo przecież nie będzie pan sprzątał bez fartucha. Zresztą, jak pan chce.

— Nie, nie, koniecznie fartuch. Ale... jak pan śmie!

— W komórcie obok łazienki znajdzie pan miotełki, światło musi pan zapalić w przedpokoju, bo w komórcie spaliła się żarówka.

— Nie, to doprawdy niesłychane!... Przydałyby się szmaty filcowe... Ale za kogo mnie pan bierze właściwie, co?!

— Szmat nie ma, są tylko pantofle na wojłoku, znajdzie je pan także w komórcie. Tylko proszę mi nie zużywać za dużo pasty do podłogi. Wszystkiego wychodzi tyle, że nie można nadażyć.

— A pan myśli, że można zbyć byle czym? Jak się robi, to trzeba tyle, ile trzeba, nic nie da się oszukać, a jak pan myśli...

— Proszę nie dyskutować. Pastować lekko, poczekać, aż przeschnie. Froterkę pożyczysz pan od sąsiadów.

— Jak to, nie ma pan swojej froterki? Nie można było sprawić?

— To nie należy do pana. Do sąsiadów dzwonić tylko przed ósmą, bo potem wszyscy wychodzą. Powiedzieć, że to ode mnie. W kuchni, na kredensie, leży ementaler, proszę sobie wziąć kawałek, tylko nie wszystko. Zlew przetrkać, geranium podlać, linoleum zwinąć, obcych nie wpuszczać.

— A ciepła woda? Zimną nie będę mył. Mam reumatyzm.

— Proszę nie pleść głupstw. Woda grzeje się w piecyku gazowym. Trzeba tylko przekręcić odpowiednie kurki. Jest pan dorosły.

— To i gaz jest?

— Proszę nie zadawać nieinteligentnych pytań. Jasne, że jest.

— Ja się boję. Można się otruć.

— Głupstwa. Brudne serwety złożysz pan w jednym miejscu. Szafy odsunąć, materace przetrzepać, firanki zdjąć, klamki proszkiem, ścian nie ochlapać, okna potem na sucho trzeć, długo, bo sprawdzę, radio wyłączyć i nie słuchać, bo rozprasza. No, to by było mniej więcej tyle. Do widzenia.

Odszedł, nie oglądając się, krokiem sportowca. Spoglądałem za nim, dopóki nie zniknął. Kipiała we mnie obrażona duma, krzyczała zraniona godność osobista.

Nagle zrobiło mi się głupio, poczułem się bezradny, bezbronny... nie zostawił mi przecież adresu...

REFERÊNCIA

MROŹEK, Sławomir. Spotkanie. In: MROŹEK, Sławomir. *Opowiadania*. 2. ed. ampl. Kraków: Wydawnictwo Literackie Kraków, 1974. p. 79-81.